

Considerações Finais

Em artigo recente¹, o professor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Denver (Colorado, EUA) Thomas Nail lançou seu livro “*The Figure of the Migrant*”², no qual ele busca compreender as forças que levam os sujeitos a migrar. Seu foco, portanto, é nas forças que compelem os sujeitos a abandonar seu lugar de pertencimento, sua origem, em busca de uma nova terra, uma nova vida em um novo lugar. Segundo Nail, a população mundial está se tornando migrante: a necessidade de locomover-se, de estar à disposição da mobilidade nos faz todos migrantes ou potencial migrantes — empregos que são criados à distância, maior tempo e distância na lida diária do movimento pendular nos grandes centros urbanos e turismo internacional mais fácil (se comparado com décadas atrás, por exemplo) colocam a migração como a ordem do dia.

Existe uma considerável miríade de formas de analisar esse processo. E considerando a infinidade de variáveis, pergunta-se inclusive se existe um elemento teórico capaz de dar conta dessa tarefa homérica.

Como forma de dar corpo a nossa pesquisa, resolvemos por limitar uma face do processo migratório: ao definir como pesquisa o movimento dos brasileiros que migram para os EUA, foi possível buscar uma identidade com a qual se pode trabalhar, tanto da dos (i)migrantes como a do país receptor. É interessante notar que, dentro de muitas pesquisas relacionadas a esse movimento migratório em especial, poucos publicam ou relacionam a voz, o olhar e a narrativa do (i)migrante com o processo que ele está vivenciando. A tendência dessas pesquisas é dar um aspecto quantitativo tal, que acabam por anular a existência, a vivência do sujeito que migra.

¹ Cf. MADDUX, K. *DU Philosopher: We're in the Century of the Migrant*. **Colorado Public Radio**, Denver, Fev. 2016 <<https://www.cpr.org/news/story/du-philosopher-were-century-migrant>> Acesso: 12 Fev 2016

² Em português, “A figura do migrante”.

(I)migrante, portanto, não é só aquele que, segundo as definições formais um trabalhador provisório, que o movimento de migrar necessita para ter um saldo “positivo” na balança entre os custos e os lucros, gerando algum tipo de vantagem para o país de destino. Também não é só aquele sujeito que demanda simplesmente o reconhecimento dos seus direitos estabelecidos de forma global (a Declaração Universal dos Direitos do Homem, por exemplo), tampouco se reforça no debate entre as nações, sobre o uso da sua mão-de-obra, estruturada e treinada em uma nação, mas trabalhando em outro país (Sayad, 1998). O sujeito (i)migrante é muito mais do que isso.

(I)migrar é ter em si a origem e o destino nas mãos. O (i)migrante é aquele que carrega descontentamentos e esperanças no seu Lugar de Origem. Descontenta-se tanto que coloca sua esperança em um novo lugar, no Lugar de Destino. Ao chegar, descontenta-se novamente, lançando sua esperança na temporalidade, no Amanhã. A possibilidade de que o Amanhã possa destruir sua esperança o faz acreditar que o Amanhã pode lhe trazer descontentamentos. Nesse momento, surgem os planos de permanência ou de retorno.

Sendo assim, o (i)migrante é o sujeito que, ao analisar as possibilidades de vida tanto onde reside quanto em uma outra terra estrangeira, decide melhorar suas condições de vida e sobreviver nessa saída (Pastore, 1969). O sujeito obrigatoriamente carrega consigo as marcas do Lugar de Origem, na sua forma de ver o mundo e lidar com ele, sendo confrontado a adaptar-se para sair. A saída do sujeito só se dá se ele se abre ao desconhecido, o que faz com que alguns outros sujeitos não migrem por não se encontrarem aptos ou dispostos a esse exercício. Sendo assim, põe-se em movimento os que se flexibilizam mais. Esse movimento pode ter, portanto, forças de empuxo dados pela repulsão na Origem e de atração no Destino. Conforme Lee (1966), essas forças só são reconhecidas pelo (i)migrante de acordo com a sua própria capacidade cognitiva, influenciada pela sua visão de mundo e pela sua educação. Acrescentaríamos também o papel da sua rede social, que pode não ser por essa que o sujeito vá mover-se, mas possivelmente é ela também responsável por esse conjunto de informações nas quais o (i)migrante decide se apoiar na sua decisão.

A ida de brasileiros para os EUA não é um movimento recente. Sabe-se que desde a década de 1980, a chegada de mais e mais brasileiros se tornou significativa a ponto de desenvolver comunidades, ou do ponto de vista teórico, nódulos nas

redes sociais. O crescimento de tais comunidades se tornou imprescindível para o surgimento de fluxos cada vez mais organizados, direcionados e avolumados. Se a origem desse movimento é pouco documentada, o atual quadro de brasileiros que vivem nos EUA passa por uma imprecisão por uma questão cultural significativa nas terras ianques: dentro dos órgãos de pesquisa e análise populacional americana, a categorização é necessária para compreender a dinâmica da população daquele país. Nessa lógica, no entanto, não cabem brasileiros — não existe a opção, e os brasileiros acabam por assinalar que são ou hispânicos, ou caucasianos/afro-americanos, ou não se identificam com nenhuma das opções étnicas existentes nos formulários (Margolis, 2013).

Na estimativa existente, considerando o desenvolvimento das redes de televisão brasileira nos EUA, é de se supor que entre 800 mil e 1,3 milhão de brasileiros vivam nos EUA (Margolis, op. cit.). Como essa realidade foge aos dados estatísticos oficiais, tanto dos EUA como do Brasil, a aproximação feita parece ser realista, já que na década anterior registrava-se quantia parecida (Oliveira, 2002), depois um ligeiro aumento de novos (i)migrantes, mas com alguns que retornaram com o início da crise econômica nos EUA, em 2008 (Marinucci, 2007; Tomassini, 2014).

Segundo o Ministério das Relações Exteriores (2011 apud Margolis, op.cit., p. 5), os EUA são o destino principal dos emigrados brasileiros. De acordo com essa fonte, 44% de todos os brasileiros fora do Brasil estão nos EUA; a quantidade de brasileiros na América do Norte é 60% maior do que a quantidade de (i)migrantes no continente europeu. No entanto, como apurou Margolis (p. 5-6), um número estimado em 63% dos nossos compatriotas estão em situação irregular e/ou ilegal nos EUA (fato que tem alguma relação com os outros (i)migrantes em outros países — estimativas são que 44% dos brasileiros no Canadá e 50% dos brasileiros na Espanha estejam no mesmo limbo jurídico/político/social).

Logo, o que explica a ida e a permanência dos brasileiros nos EUA? Como entender o que leva esses indivíduos a sair do Brasil, a enfrentar as dificuldades do processo migratório e depois concatenarem um plano de permanência? Considerando que a qualidade de vida, do ponto de vista desses sujeitos, é um dado qualitativo e individualizado, significa que os critérios de seleção que movem o sujeito são definidos por cada (i)migrante.

Se buscarmos as tantas propostas teóricas acerca do tema processo migratório veremos que: (1) são numerosas; (2) algumas são contrastantes entre si, mas não se anulam; (3) são aplicáveis, mas algumas exigem dados governamentais e outras se apoiam em conceitos sem muita sustentação empírica; (4) todas desconsideram a complexidade do sujeito (i)migrante na sua totalidade, levando em consideração somente aquilo que foi eleito como mais significativo.

É de se pensar, portanto, que há pouco diálogo entre esses corpos teóricos nos quais, tanto de um quanto de outro processo de análise teórica, há elementos, estruturas, métodos que são interessantes para compreender o processo. Sendo assim, propõe-se que a (i)migração só seja visível, compreensível se houver uma maior e melhor integração entre os elementos teóricos pré-existentes.

É perceptível que essa proposição faz sentido através do uso metodológico das histórias de vida (Menezes, 1992). A narrativa, o olhar do sujeito que (i)migra e a forma pela qual ele se vê dentro do processo migratório faz com que haja uma peça a ser analisada pelo cientista que é um retrato mais fiel do processo e do sujeito envolvido nele. Ao dar ao (i)migrante a autonomia de contar a sua história, é possível captar a holística de sua narrativa, contrastando de antemão com formulários fechados e/ou semi-abertos, onde o pesquisador acaba por encaminhar o pesquisado na direção de sua hipótese. A história de vida é uma peça narrativa autêntica e livre do sujeito (i)migrante, e ainda que possua uma tendência, essa será a do (i)migrante, levando o pesquisador e seus leitores a compreender o processo através do olhar daquele que viveu o mesmo.

Além desse recurso metodológico, nossa inovação trata de dar voz não a esse ou aquele (i)migrante, mas ao pesquisador/autor dessa dissertação, já que ele também fora (i)migrante nos EUA, entre 2003 e 2006. Como ainda não terminara o ensino superior em Geografia, mas estando com um pouco mais de que 50% do curso concluído, encontrou-se esse sujeito em uma posição ligeiramente favorável para a compreensão de todo o arcabouço que estava presenciando — uma narrativa que contém elementos analíticos do contexto sócio-espacial no qual estava vivendo.

Independente dessa narrativa, outras foram coletadas para demonstrar que essa ferramenta pode dar uma luz diferenciada às questões relacionadas ao processo migratório. Duas outras depoentes também confirmaram algumas posições sobre o arcabouço sócio-espacial que viviam com a primeira narrativa, demonstraram

relacionamento com alguns corpos teóricos. E esse foi o objetivo do uso dessa metodologia.

Se, portanto, analisássemos as principais estruturas teóricas conhecidas no ramo da pesquisa migratória, veríamos que as histórias de vida congregam não só uma ou outra teoria, mas de fato, em todas as histórias vemos que há trechos onde uma teoria se destaca, e depois, no trecho seguinte, outra teoria vem à tona. Isso significa dizer que em uma única história de vida é possível identificar todas as grandes discussões teóricas. A narrativa (i)migrante, portanto, é mais consolidadora do que as tantas teorias sobre (i)migração.

Se então as teorias individualmente não dão conta de explicar definitivamente o processo migratório, tampouco a narrativa (i)migrante é homogênea a ponto de que se considerarmos somente uma narrativa poderemos construir uma teoria final, universal do processo. Mas a combinação desses dois lados permite-nos ver que, ao considerar várias teorias, é possível visualizar um pensamento teórico holístico que mais se aproxima da realidade do processo migratório. Espera-se, portanto, que essa experiência aponte os rumos dos teóricos, que ainda buscam compreender a (i)migração, especialmente à luz do século XXI.

Por último, vale salientar que a nossa pesquisa só tomou o rumo do uso das histórias de vida em um momento em que se tornou muito difícil conseguir mais voluntários. Iniciou-se erroneamente somente pelo ciclo de sujeitos que conviveram com o autor-narrador, depois se expandindo para qualquer sujeito que tivesse tido basicamente a mesma origem e o mesmo destino (brasileiros que tenham vivido nos EUA). Decerto que se tivéssemos tido um grupo maior de voluntários, de histórias de vida, teríamos encontrado muito mais relações entre as histórias e entre as teorias, sendo mais compreensível a defesa de nossa proposta.